

---

---

O Valor da Disciplina

---

92

O Valor da Disciplina

Grasiele Fernandes Macedo

Monografia apresentada em  
cumprimento ao requisito  
parcial para conclusão do  
curso de Licenciatura em  
Pedagogia.

Rio de Janeiro  
Uni-Rio 1992

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO.

Centro de Ciências Humanas (C.C.H.)

Escola de Educação

Curso de Pedagogia

Disciplina: Monografia II

Reitor: Sérgio Luiz Magarão

Vice Reitor: Hans Jurgen Fernando Dohmann

Decana: Maria José Mesquita Cavalleiro de Macedo Wehling

Diretora da Escola de Educação: Janete de Oliveira Elias

Professor da Disciplina: Gilda Maria Grumbach

Professor Orientador: Vilma Barbosa Soares

MACEDO, Grasiela Fernandes. O Valor da Disciplina. Rio de Janeiro, 1992. ....

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

RESUMO  
Este trabalho tem por objetivo investigar o valor da disciplina no contexto da educação infantil, analisando as práticas pedagógicas e as concepções dos educadores sobre este tema. A metodologia utilizada é a pesquisa qualitativa, com base em entrevistas e observações em sala de aula. Os resultados indicam que a disciplina é percebida como um elemento fundamental para a formação dos alunos, sendo valorizada pelos educadores que atuam na educação infantil.

" Mesmo bons professores algumas vezes têm problemas de disciplina. Mas uma aula disciplinada é algo mais que conservar a classe em ordem. O objetivo último da disciplina é desenvolver no aluno autocontrole, auto-respeito e respeito pelas coisas que o rodeiam."

Piletti C. pag. 246

### Dedicatória

Dedico este primeiro e marcante trabalho monográfico a pessoas especiais:

Meus pais, minhas irmãs e ao meu namorado, que muito me ajudaram na conquista de mais esta etapa da minha vida.

### Agradeço

À professora Vilma que de maneira simpática e segura muito me auxiliou na elaboração deste trabalho.

Aos meus alunos que muito contribuíram, através da troca de experiências.

---

---

## Sumário

---

---

	pag.
I - Introdução	1
II - Capítulo I	3
A disciplina como componente do contexto educacional e como conceito moral	
III - Capítulo II	6
Para que e quem serve a disciplina ?	
IV - Capítulo III	8
Os fatores internos e externos ao indivíduo que propiciam ou interferem a disciplina	
V - Capítulo IV	12
Alguns métodos e recursos utilizados para alcançar a disciplina	
VI - Capítulo V	17
A disciplina na escola pública	
VII - Conclusão	21
VIII - Bibliografia	23



---

---

## Introdução

---

---

O presente estudo tem como preocupação mostrar por que o professor tem dificuldades em manter a disciplina na sala de aula.

Partimos do pressuposto de que, embora a escola reproduza as estruturas de classe da sociedade, existem no seu interior fatores que, se devidamente estudados e trabalhados, podem vir a garantir às crianças das camadas populares, a aquisição de conhecimento através da melhoria da disciplina, entre outros fatores.

A decisão de se estudar o valor da disciplina provém da constatação, na prática docente, da existência de comportamentos desajustados nas escolas públicas, provenientes de vários fatores internos e externos ao aluno.

Colocamos como pano de fundo alguns fatores, cuja análise se torna necessária, para que possamos entender o papel da disciplina dentro do contexto educacional, e as suas repercussões diante de outras instituições sociais.

O presente estudo divide-se em 5 capítulos, e se propõe a dar uma visão geral dos problemas abordados, obedecendo à seguinte disposição:

I) A disciplina como componente do contexto educacional e como conceito moral.

Este capítulo nos mostra o que é disciplina e qual a sua influência na sociedade.

II) Para que e quem serve a disciplina

Neste capítulo veremos a importância das regras, das normas e da disciplina para a organização social e escolar.

III) Fatores internos e externos ao indivíduo que propiciam ou interferem a disciplina.

Estudaremos neste capítulo algumas causas do comportamento desajustado e ajustado.

IV) Alguns métodos e recursos utilizados para alcançar a disciplina.

Mostra-nos como podemos agir para obter a disciplina desejada; coerente com o ambiente e a clientela.

V) A disciplina na escola pública

Questiona a dificuldade de se obter a disciplina na escola pública e o

comportamento de seus professores diante desse fato.

Finalmente, na conclusão discute-se a importância da reflexão do professor de escola pública dessa sua prática educacional.

O tratamento que este profissional dá às dificuldades encontradas em sala de aula, evidencia sua tentativa de ajustar o comportamento dos alunos às expectativas criadas por padrões por eles considerados como mais válidos e adequados, ignorando valores e constituições culturais dos alunos.

Esperamos que, com este trabalho, o leitor possa refletir sobre o problema da disciplina em sala de aula, pois é através de nossas próprias reflexões que teremos consciência de nossa realidade e condições de tomar decisões.

---

---

## Capítulo I

---

---

### **A disciplina como componente do contexto educacional e como conceito moral**

Disciplina significa submeter-se às ordens e às autoridades impostas pelo meio.

A própria palavra "disciplina" tem como raiz "discipulo", que significa aluno. Aluno é aquele que aprende, e geralmente usamos a palavra disciplina para significar aprendizagem ou exercício.

"Mente disciplinada é mente exercitada", Ellis(427). Mas para nós, mente disciplinada também é mente controlada. Essa conotação é compreendida quando nos referimos a um exército disciplinado, ou seja, adestrado e controlado.

Sendo assim, os indivíduos descontrolados envolvem-se em dificuldades, tornando-se, por isso, passíveis de castigo por seu comportamento. E devido a isto associamos mais freqüentemente a disciplina à repreensão e ao castigo, do que à aprendizagem e ao controle.

A disciplina, como toda educação, abrange aprendizagem e exercício, pois toda educação é disciplina; portanto, as regras de ensino e aprendizagem são regras de disciplina.

Quando falamos de disciplina não podemos esquecer dos fatos históricos, pois nossos antepassados viviam num sistema de governo autoritário ou monárquico, no qual a sociedade tinha que submeter-se às imposições dos dominantes (Estado e/ou Igreja).

Mas apesar dos movimentos políticos de transformação, que visavam libertar o homem do controle da autoridade, esta se refletiu na educação até os dias de hoje.

E nesta caminhada pela democracia apareceram teóricos, que pediam liberdade para as crianças do controle rígido da família e da escola, ou seja, uma educação infantil livre do controle da autoridade adulta, dando-lhe liberdade para seguir suas inclinações naturais. Já um grupo de puritanos sustentavam a idéia de que o homem nascera no pecado, era naturalmente perverso e, se crescesse sem rigoroso controle, constituiria uma ameaça para

si mesmo e para a sociedade; mas um grupo rival, os românticos acreditavam que nenhuma criança é má por natureza. O mal derivava dos maus hábitos e da perversidade adquiridos por adultos.

Antes de 1900, os educadores aceitavam, geralmente, a doutrina da disciplina formal, de acordo com a qual a mente consistia de um grupo de faculdades, passíveis de refinamento e aperfeiçoamento pelo estudo de matérias apropriadas. Se o assunto estudado era difícil e desagradável, tanto melhor: o caráter formava-se pelo desenvolvimento do autodomínio, obtido nessas tarefas desagradáveis. Logo, o currículo ideal era aquele em que os professores devessem fazer considerável pressão sobre as crianças para que estas o dominassem.

Com as transformações ocorridas nas sociedades, novos valores surgiram e a doutrina da disciplina formal ficou desacreditada, sendo substituída pela teoria moderna da transferência do aprendido. Esta nega qualquer aperfeiçoamento geral de faculdades; o que há é a aprendizagem de fatos, princípios, atitudes e habilidades particulares, que serão usadas nas situações da vida, na medida em que se relacionem com as necessidades do ambiente e na medida da inteligência, dos recursos, do interesse e esforço de quem os tenha de empregar, atuando assim no problema da disciplina.

E ao começar a cogitar uma escola centrada na criança, também se abrandou o controle adulto sobre o comportamento infantil. Por isso, ainda que a teoria da transferência do aprendido fosse primordialmente uma teoria da aprendizagem intelectual, não deixou de modificar a situação escolar, quanto à manutenção da ordem e disciplina.

“A fé democrática é sustentada e cumprida pela disciplina de homens livres. Lealdade e conhecimento não bastam. Sem disciplina, a lealdade, ainda que profunda e duradoura, pouco pode valer; sem disciplina, o conhecimento, ainda que preciso e compreensivo, permanece ineficaz e estéril... Disciplina significa fazer uso eficiente da lealdade e do conhecimento, dispor a vida à luz do entendimento e rumo ao propósito a atingir. Envolve subordinação do próximo ao remoto, do presente ao futuro, do bem menor ao maior. Envolve restrição do impulso do momento, moderação do desejo, adiamento da satisfação, sacrifício de confortos e prazeres imediatos. A disciplina nunca é indulgente, por vezes, é extremamente exigente. Mas

reveste essa forma severa, não porque haja virtude na severidade, mas, antes, porque tal é a condição da obra a realizar". (Dr. George S. COUNTS) Ellis (432 e 433).

Contudo podemos perceber que a disciplina é e sempre foi necessária para a organização social e, em certos casos e condições precisa ser rigorosa e não autoritária, a fim de que possa garantir o convívio social. Portanto o professor deve ser o líder aceito pelo grupo e ter o mínimo de caráter ditador.

---

---

## Capítulo II

---

---

### **Para que e quem serve a disciplina ?**

A disciplina, como foi comentado no capítulo anterior, serve para manter a ordem. Mas por que será que devemos manter a ordem ?

Ora, uma vez que tudo fosse permitido, sem restrições legais, nem quaisquer outras restrições sociais, o PODER tornar-se-ia direito. O assassinato, o roubo, e outros crimes seriam lugar comum; a anarquia e a selvageria substituiriam a civilização.

Tabus, costumes, convenções e leis sociais são coisas necessárias para reprimir o nosso natural individualismo egoísta. Ser inibido e reprimido é o preço que o indivíduo paga para viver em paz com seus semelhantes.

Devido a isto FREUD proclamava os riscos da inibição, mas também afirmava que a inibição é a base da civilização.

O controle social é comum até entre os animais, mas somente quando o indivíduo está maduro e dotado de autocontrole, que ele é capaz de adiar deliberadamente a satisfação e aceitar com alegria o desconforto e a inconveniência presente, a fim de conseguir objetivos remotos. A criança é mais sujeita ao capricho e ao prazer do momento. Por isto a autodisciplina ou autocontrole eficaz é a marca mais importante da maturidade emocional.

Segundo Ellis (433) a finalidade, no exercício disciplinar de crianças, é o desenvolvimento, dentro delas, de um autocontrole socializado, pois se compete ao indivíduo ajustar-se bem ao seu ambiente social, também lhe cabe controlar o próprio comportamento, por amor ao bem estar do resto da comunidade. Todavia, nos primórdios da formação infantil, isso é meta distante, impossível de atingir em curto tempo.

E caso não seja devidamente trabalhada, levará a criança a escapar do controle dos pais ou do professor; pelo fato destes adotarem medidas inúteis ou brandas. Mas nestes casos as leis naturais da vida tratam de ensinar-lhe a respeitar e aprender as regras do jogo, pois qualquer atividade social tem normas. Nenhuma criança, nenhum adulto escapará completamente de uma disciplina rígida.

Sendo assim, a escola deve levar a criança a entender a importância da

disciplina, pois quando as crianças conseguem compreender que as regras tornam o jogo mais interessante, o professor pode orientá-las a formular regulamentos e aceitá-los como proteção à harmonia do próprio grupo. Torna-se assim a sala de aula um lugar agradável, onde a aprendizagem é apenas organizada.

Portanto cabe ao adulto exercitar gradualmente o autocontrole da criança e, à proporção que esse autocontrole se afirma, abrandar a vigilância, ou seja, afrouxar a vigilância à medida que a criança se mostre capaz de agir por sua própria conta.

---

---

## Capítulo III

---

---

### **Os Fatores Internos e Externos ao Indivíduo que levam à Indisciplina ou Disciplina**

Uma vez que cabe à disciplina escolar controlar e modificar o comportamento, é preciso que tenhamos uma boa compreensão do comportamento em geral, como base para o problema da disciplina.

As dificuldades de comportamento podem provir de qualquer elemento da situação total em que se encontra a criança, ou seja, o problema da disciplina diz respeito à vida inteira da criança.

Todas as crianças mostram algum distúrbio de comportamento em algum momento de suas vidas, mas em alguns casos o comportamento perturbado não desaparece tão rapidamente. Neste caso, a criança pode ser adequadamente descrita como apresentando problema de comportamento ou desordem de conduta.

O mau comportamento apresenta-se principalmente na sala de aula, cabendo ao professor analisar cada caso, para saber como e quando agir. Ele deverá, antes de mais nada, investigar as causas da indisciplina, isto é, analisar se as possíveis razões daquele comportamento são conseqüentes de fatores internos ou externos à criança.

Estará a criança nervosa ? Doente ? Haverá algum problema ou situação nova em casa ? Terá nascido um irmão ? Será a criança a única responsável pela disciplina ? O professor tem certeza de que a criança é capaz de distinguir o certo e o errado ? Ela conhece bem as regras e padrões da disciplina ?

Para podermos responder a estas e outras perguntas, precisamos antes de mais nada, saber se o mau comportamento das crianças provém de desconforto físico.

Nas escolas públicas debatemos muito com esse problema, uma vez que as condições de vida da criança muitas vezes não permite uma boa alimentação e assistência médica.

Fome, frio, dor, visão ou audição defetuosas e outras fontes de irritação provocam explosões vocais. Cuidados físicos apropriados reduzirão de muito



as fontes desses abafos.

Entre estes existem outros fatores internos que interferem no seu comportamento, como por exemplo na escola:

Necessidade de agressão ao meio ambiente, ao professor, à escola, falta de interesse pelas disciplinas escolares; necessidades de chamar atenção do grupo, ou do professor, podendo estar ligada a sentimentos de insegurança afetiva e emocional, imaturidade e etc.

O desajustamento do comportamento pode também estar ligado aos fatores externos. Vejamos alguns deles nas escolas: inadaptação dos métodos e técnicas pedagógicas, currículos desvinculados com a sua realidade, classes superlotadas, luz, temperatura e ventilação deficientes, objetivos frustrados e etc. Além dos fatores externos provenientes da escola o desajustamento pode ser um reflexo do ambiente escolar por exemplo:

Tendência ao perfeccionismo da mãe em relação aos filhos e a si mesma; hostilidade inconsciente à criança, achando para justificar sua hostilidade que ela faz sempre coisas erradas; ansiedade; agressividade; superproteção sem rejeição sobretudo no caso de órfãos, filhos doentes, filhos únicos ou de pais separados; mimo; punição física; rejeição; desavenças entre os pais, por imaturidade ou incompatibilidade entre as personalidades e etc.

A desobediência na criança pode manifestar-se por:

Agressividade; passividade, a criança ouve, fica quieta e faz o contrário do que é pedido, ou, por negativismo, a criança enfrenta e procura vencer a autoridade pela negativa "não quero, não posso", realizando atos contrários daqueles determinados.

As desordens de comportamento tendem a desenvolver-se em certas épocas específicas da vida das crianças. Há um aumento específico durante o início da escolaridade regular, com o pico em torno dos 9 anos e um outro aumento durante a adolescência, com um pico em torno dos 14 anos, onde muitas tendem a criticar os adultos e em geral pais e professores (pessoas significativas em suas vidas) que não aprovam seus atos.

Isto faz sentido quando você pensa na demanda que se coloca sobre as crianças nestes momentos - adaptar-se à escola e adaptar-se às demandas da puberdade e adolescência.

Perante tais situações, o professor precisa ser um "higienista mental"

do que disciplinador, como disse Ellis (444), pois cabe a ele descobrir e entender a causa do mau comportamento.

Portanto para atender esses problemas, é preciso que a disciplina seja baseada no afeto e não na hostilidade, respeitando-se a personalidade da criança, impondo uma autoridade e controle adequados, pois a má higiene mental pode, por sua vez, interferir no crescimento e no desenvolvimento físico, segundo acentuaram os recentes estudos da medicina psicossomática.

Sobre esse fundamento, argumenta-se que o controle adulto imposto à criança pode arruinar a personalidade desta, tornando-a, mais tarde, um adulto frustrado, sem êxito, ou ainda pior, um psicopata pervertido, ou um criminoso, ou um suicida. Logo, se se procura formar uma personalidade extrovertida, socialmente bem ajustada, cumpre evitar inibição e supressão. A ser isto certo, é de esperar que pais severos tenham filhos rebeldes. A disciplina rigorosa, sob qualquer forma ou em qualquer terreno, provoca rebelião contra a autoridade.

Autoridade, disciplina e castigo vêm a ser responsáveis pela maior parte do mau comportamento.

As relações entre professor e classe constituem uma das mais poderosas causas de boa ou má disciplina. O professor ideal mostra-se amigo e interessa-se pelos alunos e seus problemas mas não mantém com eles demasiada familiaridade. Certa dignidade e reserva são necessárias para melhores resultados.

O professor deve possuir profundo senso de justiça e retidão e não, ter alunos favoritos. Uma falha nesse sentido custar-lhe-á o respeito e a boa vontade da classe e, perdidos estes, tornar-se-á impossível a disciplina.

Cumpre que o professor seja o líder aceito, do grupo, mas reduza ao mínimo o caráter de ditador. Sempre que possível, o grupo precisa compreender o que se passa e outorgar seu democrático apoio. Se cremos na democracia, parece lógico que creiamos também na necessidade de empregá-la entre as crianças, até o ponto em que ela seja proveitosa.

Contudo podemos perceber então, que nos primeiros anos de infância e meninice o exercício disciplinar correto, assim como o seu ambiente inteiro diminuem a disciplina.

Quando as crianças não são perfeitas isto é, quando apresentam

problemas, seja ele qual for, não podemos esperar comportamento perfeito, pois um problema de comportamento surge em qualquer criança quando há algum acúmulo de risco ou tensão acima da capacidade que a criança possui de suportá-los.

Conforme o que se discutiu anteriormente, compete ao professor analisar as causas da desordem e removê-las ou ajustá-las o mais completamente possível, pois o desenvolvimento de uma personalidade saudável e de um bom caráter é um dos objetivos da educação.

Os casos mais graves podem constituir problemas longos e penosos e estender-se além da sala de aula, cabendo portanto, um exame médico, para determinar as causas físicas do distúrbio.

Enfim, quaisquer que sejam as causas, precisam ser descobertas e corrigidas, na medida do possível.

---

---

## Capítulo IV

---

---

### **Métodos e Recursos Apropriados para Alcançar a Disciplina**

Sendo uma das funções essenciais do professor ajudar o aluno a se desenvolver, só poderá fazê-lo se tiver condições para se desenvolver pessoalmente, conhecendo a si mesmo, lutando pela sua auto-realização profissional, uma vez que na sua atividade diária enfrenta situações difíceis sendo obrigado a fazer opções, a tomar decisões, a se responsabilizar por suas conseqüências e a contornar suas limitações pessoais.

O professor como pessoa responsável, interessada e sensível, deve procurar não só aceitar o mundo real como também ajudar os alunos a satisfazerem suas necessidades dentro dessa realidade, pois a criação de um clima psicológico que favoreça ou desfavoreça a aprendizagem e a disciplina, depende principalmente do professor.

A eficiência de qualquer procedimento dependerea do professor, da classe, do indivíduo em questão, da situação total. Por esse motivo é melhor ponderar cada caso segundo seus méritos, não segundo regras previamente estabelecidas. Convém ressaltar alguns princípios gerais, expressoas também por Ellis e Piletti, que servem de guia tanto para uma atuação geral como para uma solução de casos particulares, visando conseqüentemente desenvolver no aluno a autodisciplina e a autodireção:

- Procurar as causas do comportamento infantil de maneira objetiva e racional, ao invés de reprimir a crianças ou forçá-la a mudanças para as quais não está preparada.
- Analisar cuidadosamente as causas do comportamento, para não subjugar.
- Tentar remover ou reduzir as causas de dificuldades disciplinares.
- Considerar as diferenças de idade nas crianças na determinação do tratamento: as crianças menores requerem formas mais baixas de controle, assim como as diferenças individuais significativas entre crianças da mesma idade.
- Crianças nervosas e sensíveis requerem atenção especial. Em geral, convém que lhes aplique pouca ou nenhuma punição. Melhor no seu caso,

estima do que a severidade.

- A provação social, recompensa e privilégios especiais são mais recomendáveis e, geralmente, mais eficazes, como controle da conduta, do que as medidas negativas e as punições. É mais vantajoso incentivar a conduta correta do que combater a errada.

- Evitar o sarcasmo, pois raramente o justifica-se e inflige feridas permanentes, além de desacreditar o professor perante o resto do grupo.

- Abandonar o assunto de vez, depois da censura ou outra punição. Não continue a demonstrar zanga e não guarde rancor contra o culpado.

- Considerar cada incidente em que a ordem é quebrada. Não castigue o grupo todo pela conduta de um indivíduo, exceto em casos muito especiais. O desrespeito a esta regra acarreta graves injustiças individuais.

- Ajudar a criança a compreender a razão de ser dos regulamentos escolares.

- Promover um clima, no qual o respeito e a confiança mútua sejam possíveis.

- Ajudar as crianças a preverem as conseqüências de seus próprios atos. Esse é um caminho importante no caminho da auto-disciplina.

- Ajudar as crianças a compreenderem as causas de seu próprio comportamento e das ações dos outros e a desenvolver meios realistas de solucionar seus próprios conflitos.

- Buscar os interesses e necessidades do aluno; assim em vez de forçá-lo a estudar matéria de que não gosta, deve-se despertar nele interesse e entusiasmo por essa matéria e ficar alegre de aprendê-la.

- Ocupar o grupo, em projetos que sejam de seu interesse, em cuja utilidade confiem e nos quais esperem obter razoável êxito.

- Esclarecer aos alunos que não é responsável pelas exigências do currículo, mas tudo fará para ajudá-los a satisfazê-las, caso não esteja adequado.

Não esqueçamos, porém, que num ambiente autoritário, obtemos uma disciplina apenas superficial com a aplicação de regras absolutas e coercitivas. Entretanto, o conceito de disciplina inclui mais do que obtenção da ordem no momento. É preciso que o professor conduza seus alunos ao crescimento interior.

A verdadeira disciplina, portanto, não se origina de pressões exteriores. Ela parte do íntimo do indivíduo. O indivíduo age dentro dos limites estabelecidos por ele próprio.

Sabemos no entanto, que ninguém nasce disciplinado. Como a maior parte de nossos comportamentos, a disciplina é resultado de aprendizagens interligados em todas as áreas - afetiva, cognitiva e motora. Começa desde os primeiros dias de vida e continua a vida toda.

Na escola, vários métodos são utilizados para se conseguir disciplina.

Vejamos alguns:

a) O uso da força - consiste em exigir disciplina do aluno, utilizando-se de pressões exteriores como castigos e ameaças.

Quando esse processo é utilizado, o aluno obedece os regulamentos, segue as ordens, executa os deveres, sem nenhum interesse. Ele faz isso apenas para livrar-se das punições e censuras.

b) A chantagem afetiva - consiste em cativar a amizade do aluno ou da classe para se alcançar disciplina. Quando esse processo é utilizado, o aluno faz tudo o que o professor deseja, porque tem medo de perder sua amizade. Ao seguir as normas e os regulamentos, o aluno tem em mente apenas um objetivo: agradar o professor.

c) O uso da responsabilidade - procura desenvolver a responsabilidade do aluno. Sua utilização não é fácil. Exige capacidade para acompanhar o amadurecimento do aluno, dando-lhe responsabilidade dentro dos limites de seu nível de maturidade e inteligência. Consiste em criar oportunidades para a autodireção, pois só se aprende a ser responsável enfrentando situações de responsabilidade.

Na escola há uma infinidade de situações que podem ser aproveitadas nesse sentido. O arranjo da sala, dos quadros, das exposições, dois enfeites para festas, etc., são tarefas nas quais a criança adquire bom gosto e se disciplina para a organização.

Participar do planejamento de festas, regras e do trabalho do dia também é um meio de aprender a agir por si.

Mas qual desses métodos é o melhor? Certamente o último, pois leva a desenvolver no aluno, a autodisciplina e autodireção.

A sala de aula é o lugar em que a aprendizagem é apenas organizada

e quanto mais entrarem nela experiências da vida da criança, tanto melhor será para a aprendizagem e sua disciplina. Feita essa observação, passemos a algumas considerações "ideais" sobre a organização física do ambiente denominado sala de aula.

A organização física da sala de aula deve favorecer a utilização dos métodos mais adequadas para a obtenção da disciplina, considerando sobretudo, os princípios a qual comentamos.

Quando o professor utiliza métodos e técnicas de ensino ativos, os alunos desenvolvem atividades diferentes, agrupando-se de forma diversa e escolhendo o espaço mais adequado para cada tipo de trabalho. A utilização desses métodos e técnicas, requer uma organização física diferente da sala de aula. As carteiras devem ser individuais e não fixas no solo. As carteiras podem ser substituídas por mesas redondas em torno das quais se dispõem as diversas equipes de alunos.

Com relação às condições materiais da sala de aula, é bom colocar a mesa do professor num canto discreto, a fim de que desapareça qualquer idéia de autoridade, em vez de um quadro-negro que tome toda a parede, o ideal seria que cada grupo dispusesse de seu próprio quadro-negro e de seu quadro mural; alguns cartazes distribuídos pelas paredes devem lembrar as regras elaboradas com eles, do trabalho em equipe, a fim de que o professor ou membro do grupo possa recorrer a elas.

Quanto maior sentido de liberdade houver, mais autêntico o trabalho. Deve ser livre a circulação, de modo que a disposição das carteiras permita o trânsito dos alunos para consultarem os companheiros de outros grupos.

Além disto a sala de aula deve ser arejada, bem iluminada, equipada com o essencial, mobiliada com propriedade atraente e agradável. E deve ter: decoração alegre, lousa e painel baixos, piso limpo, material para ser manuseado, armários e prateleiras numa altura em que as crianças alcancem; isto porque o objetivo da disciplina é desenvolver no aluno autocontrole, autorespeito e respeito pelas coisas que o rodeiam.

Entretanto, o bom relacionamento na sala de aula é muito mais importante do que as cortinas e paredes coloridas ou do que a variedade de métodos e recursos utilizados.

Podemos dizer que o relacionamento entre os elementos de uma classe

é bom, quando vemos alunos alegres, bem-humorados e seguros. E o professor como líder é o responsável por isto.

Portanto, cabe mencionar, algumas atitudes e alguns comportamentos que o professor deve adotar na sala de aula para desempenhar o papel de líder democrático:

- Comunicar aos alunos seus objetivos.
- Sugerir ao invés de impor.
- Ouvir as sugestões dos alunos e colocá-las ao grupo para discussão.
- Colocar-se na classe como um orientador da atividade do aluno.

Didática é a "orientação da aprendizagem".

- Fazer os alunos trabalharem com ele e não para ele.
- Elogiar tudo o que for elogiável. O elogio é uma prova de que o aluno

está tendo bom êxito.

- Em vez de destacar erros, destacar acertos.

- Não falar muito, mas ouvir muito. Enquanto o professor fala, não está havendo aprendizagem, mas apenas informação. Por isso ele deve falar apenas para orientar a atividade do aluno.

- Encerrar todo trabalho com uma avaliação feita pelos próprios alunos.

Contudo, a preocupação com o bom relacionamento, com a disciplina e a sala de aula não pode fazer com que deixemos de nos preocupar com o que ensinar. No ensino não é apenas o relacionamento entre os grupos e entre os indivíduos que tem importância. A busca individual da verdade, das causas do desajuste social são primordiais para se alcançar a autodisciplina.



---

---

## Capítulo V

---

---

### **A Disciplina nas escolas públicas**

A escola pública como a fábrica, como a família, como o hospital, como a sociedade toda - não existe como uma coisa fixa, parada, imutável.

A escola de hoje, apesar de todos os seus defeitos e deformações, não é mais a mesma de 10, 15, 20 anos atrás. Ela não é estática nem intocável. A forma que a escola assume em cada momento é sempre o resultado precário e provisório de um momento permanente de transformação, que é continuamente impulsionado por tensões, conflitos, esperanças e tentativas alternativas.

Em função das pressões dos grupos sociais, das inovações científicas ou das próprias necessidades da economia, a escola muda, adaptando-se sempre aos novos tempos.

Assim o professor, diante da atual complexidade social e tecnológica, deve estar preparado emocionalmente para a mudança e a renovação procurando adaptar-se à realidade.

Não é novidade para ninguém o fato da professora primária das escolas públicas brasileiras ter uma formação bastante precária.

Nos Estados mais desenvolvidos a grande maioria delas fez o curso normal e em alguns casos chegou a cursar uma faculdade. Nas regiões mais pobres a maior porcentagem delas é leiga, sendo que nas zonas rurais é freqüente encontrar-se professoras que fizeram apenas o curso primário e, muitas vezes, o primário incompleto.

Dada a facilidade de recursos das regiões mais desenvolvidas, o estudo tem se concentrado sobretudo nas análises das professoras mais bem formadas da rede de ensino, exatamente essas que vivem nas áreas ricas do país. Mesmo nesses casos, e ainda quando se trata de professoras primárias de nível universitário, há uma grande deficiência no preparo que elas recebem para lidar com os problemas do dia-a-dia do trabalho escolar.

Quando são provenientes das camadas médias da população, essas professoras geralmente tendem a agir em sala de aula em função de um aluno ideal, sadiom disciplinado, bem alimentado, com uma família organizada

e com prontidão para aprender.

Esse modelo de aluno reproduz o modo de vida das crianças de classe média, bem como dos setores das camadas populares que têm melhor padrão de vida. E não dos alunos da escola pública em que a maioria é pobre e portadores de vários problemas como: fome, frio, insegurança, etc., a qual irá refletir no seu comportamento.

A verdade é que a escola pública muitas vezes está inadequada às características da sua clientela e o pior é que a grande maioria da população brasileira é constituída por pobres que não têm como manter seus filhos estudando, devido à sua posição na sociedade.

Para a escola a criança muitas vezes é a culpada pelos seus fracassos e mau comportamento, e não quer nem saber quais as causas dessas dificuldades tratando-as como doentes. É certo que estas crianças são mais agitadas, inquietas e até mesmo violentas, mas não podemos esquecer que estas atitudes têm influência do meio em que vivem, pois muitas destas crianças passam horas do dia trabalhando, ajudando em casa e etc., não tendo conseqüentemente ânimo e tempo para aproveitar o ensino que lhe é ministrado.

Devido a isto, muitos se afastam da escola pois sentem-se incapazes e frustrados, ou continuam e têm uma aprendizagem superficial, atitudes negativas, indisciplina e desajustamento.

Portanto, a indisciplina na escola pública não é apenas conseqüência dos fatores internos da criança mas também dos fatores externos a ela: a relação professor x aluno, escola x aluno, do próprio governo(responsável pelas condições materiais, por instalações satisfatórias e etc.) e outras as quais vimos no capítulo III.

A disciplina escolar não nasce de uma hora para outra; como já vimos, pois ela é um processo lento, principalmente se tratando de escola pública e cabe ao professor conduzir um clima que leve a um bom resultado da aprendizagem, de uma forma democrática e de acordo com a sua clientela.

Convém ressaltar também que o professor, como todo ser humano, precisa encontrar satisfação em sua atividade profissional. Apesar de sabermos que no Brasil a educação não é levada a sério e que o magistério é hoje uma profissão socialmente descaracterizada em termos de qualificação e de

remuneração, essa insatisfação e desmotivação não devem refletir-se na sala de aula.

Mas por incrível que pareça a insatisfação e a impaciência ronda a escola pública.

Digo isto, porque a minha prática educacional em escola pública permite-me fazer tal afirmação; uma vez que vejo no dia-a-dia professores dizerem:

- Não ganho para aturar esses capetas, sem educação e sem disciplina.

A meu ver estes professores só se preocupam com a sua realidade; não estou com isto querendo dizer que eles não têm razão para tal insatisfação, muito pelo contrário concordo que ganhamos mal e que nossos esforços não são reconhecidos mas penso que devemos considerar também a realidade da criança.

É verdade que encontramos grandes dificuldades em manter a ordem em sala de aula, pois a violência, a desordem, a desobediência são naturais à vida do aluno. E principalmente se tratando de alunos do CIEP, onde as únicas regras que reconhecem é a sobrevivência e a comunidade (regras geralmente estabelecidas pelos chefes da região).

Exemplo: Meus alunos dizem que, querem roubar alguém da área o Gigante (chefe da favela da Maré) coloca pendurado no poste e manda matá-lo.

Portanto, o comportamento dos alunos de escola pública é geralmente consequência do ambiente social e familiar, e o professor ao invés de preocupar-se em disciplinar de qualquer maneira os alunos tidos como "perturbador" e até mesmo "praga", deve possuir aptidões cognitivas, uma maior dimensão de personalidade nos estilos de ensino, como uma análise crítica da disciplina.

Assim o professor saberá distanciar a sua insatisfação, suas frustrações e seus problemas dos alunos. E isto é muito importante na sala de aula, pois um professor despreparado facilmente se irritará, jogando suas tensões nos alunos e conseqüentemente esquecerá as necessidades, os problemas e a realidade destes, gerando assim, um aluno também insatisfeito e indisciplinado.

O professor deve compreender que zelar pela sua saúde mental é medida imprescindível para manter o equilíbrio emocional e a segurança

profissional, que o levarão a analisar as causas das suas dificuldades de ajustamento e a buscar possíveis soluções, partindo do princípio de que assim fazendo, estará garantindo e protegendo a saúde mental de seus alunos.

Contudo nós professores não podemos esquecer que temos o compromisso com a educação e não podemos limitar-nos a “dar aula”. Ser professor é algo mais amplo, mais belo, mais forte. É fazer parte das transformações, é entender o mundo, é trocar experiências, é ser radical e não ser dogmático.

Amar a educação é construir um ensino ativo, crítico, onde os professores possam agir com liberdade de criação, descobrindo o porquê das coisas, fazendo e deixando o aluno pensar, raciocinar e aprender independente da sua posição na sociedade.

Se o professor da escola pública conseguir caminhar junto aos alunos, dialogando com eles, estimulando-os, facilitando experiência de vida significativa e de relacionamento autêntico, poderá ter decisiva influência no desenvolvimento cognitivo, emocional e social de seus alunos e conquistar fonte inesgotável de satisfação pessoal e profissional.

Porém não precisamos perder o senso de realidade. Trabalhando com o pouco que temos(sem nos conformar é claro) poderemos começar a construir a tão mal falada escola pública, pois é preciso urgentemente que o magistério resgate o seu valor, para que a educação tenha prioridade nos planos governamentais, diminuindo assim o analfabetismo, os desníveis econômicos a evasão escolar e aumentando a qualificação e a remuneração de seus profissionais.

---

## Conclusão

---

Podemos concluir que existem inúmeros fatores que contribuem para a disciplina, em sala de aula; o aluno sofre uma série de influências que vão ter repercussões positivas ou negativas em seu trabalho escolar.

O professor deve ter compromisso com a educação de seus alunos. Amar a educação é construir um ensino ativo, crítico, onde os alunos possam agir com liberdade de criação, descobrindo o porquê das coisas e das regras. Assim o professor estará deixando o educando pensar, raciocinar e aprender; disciplinando portanto a sua própria mente, auxiliando-o a tornar-se mais tarde um cidadão consciente e crítico.

Acreditamos que todo professor deve repensar de vez em quando a maneira pela qual se conduz em sala de aula, porque assim ele poderá, quem sabe, perceber suas carências e dificuldades.

Fazer uma reflexão através dos nossos valores é buscar mudanças, pois geralmente nos leva a uma nova visão. Na educação a reflexão é indispensável, pois alunos e professores poderão assim descobrir novos mundos.

Portanto, aqueles que se dedicam à educação, principalmente àquela de crianças carentes, devem questionar, suspeitar e interrogar sua realidade com o educando.

Enquanto nós professores de escola pública não refletirmos, conscientizarmos e percebermos que a maioria de nossos alunos tem problemas por diversos fatores, os quais vimos nos capítulos anteriores, e que estes devem ser descobertos, estaremos apenas nos desgastando em sala de aula, formando bonecos agitados, incapazes de dizer suas próprias palavras, de se comportar e de compreender a importância da disciplina.

Contudo podemos perceber que a disciplina é e sempre foi necessária para o desenvolvimento da criança, para a organização escolar e social e, em certos casos e condições precisa ser rigorosa e não autoritária.

“Por toda a escala animal o ideal de completa liberdade é incompatível com a organização social. Conseqüentemente, a questão não é a de devermos ou não ter disciplina: é a de fixarmos o objetivo da disciplina a de sabermos qual a extensão, a fonte, os processos a adotar para obtê-la” (Ellis pág. 432).

Enfim este trabalho estea preocupado fundamentalmente com um aluno vivo e participante; com um professor que não tema suas próprias dúvidas; com uma escola aberta, viva, posta no mundo e ciente de que estamos chegando ao século XXI.

Ele pretende servir a todos aqueles que sabem que o único compromisso do educador é com a dinâmica de vida, e que uma postura estática é a garantia do não crescimento daquele a quem se propõe educar e do que educa.

Embora não esgotando o assunto pela sua própria extensão, este trabalho apresenta muito mais que uma tarefa e sim uma aventura, na busca de um novo caminho para que o educador possa se debruçar mais atentamente ao desafio de descobrir de acordo com sua realidade o que é disciplina, como alcançá-la e o que esperar com ela.

---

---

## Bibliografia

---

---

- ASTIVERA, Armando. Metodologia da Pesquisa. Tradução de Maria Helena Guedes Crespo e Beatriz Marques Magalhães.  
Porto Alegre: Globo, 1983.
- BARRETO, Elba Siqueira de Sá. Professora e aluno na escola básica: encontros e desencontros. In: Revista da ANDE. nº 2, 1981.
- BEE, Helen. A criança em desenvolvimento. 3ª edição.  
São Paulo, Harbra, 1977.
- CECCON, C. e outros. A vida na escola e a escola da vida.  
Petrópolis, Vozes, 1982.
- ELLIS, Robert S. Psicologia Educacional. Cia. Editora Nacional. Tradução Haydée Camargo Campo. 2ª ed. São Paulo, 1967.
- HARPER, Babette e outros. Cuidado, Escola! 18ª ed.  
São Paulo, Brasiliense, 1982.
- MARQUES, J. C. Ensinar não é transmitir. Porto Alegre, Globo, 1977.
- NOVAES, Maria Helena. Psicologia do Ensino-Aprendizagem.  
Rio de Janeiro, Atlas, 1977.
- PILETTI, Claudino. Didática Geral. 10ª ed. São Paulo, Ática, 1989.
- PILETTI, Nelson. Psicologia Educacional. 4ª ed. São Paulo, Ática, 1986.
- SALOMON, Délcio Vieira. Como fazer uma monografia.  
Belo Horizonte, Interlivros, 1977.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação ?  
São Paulo, Brasiliense, 1987.

Grasiele Fernandes Placido.  
~~Grasiele~~